

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2025-07-31

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Duarte, C. & André, P. (2024). Fotografias do arquivo municipal de Lisboa: Das imagens documentais às narrativas visuais das antigas estradas de Lisboa. In Paula André (Ed.), *Laboratorio colaborativo: Dinâmicas urbanas, património, artes: X seminário de investigação, ensino e difusão* . (pp. 107-125). Évora: DINÂMIA'CET-Iscte.

Further information on publisher's website:

<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/32388>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Duarte, C. & André, P. (2024). Fotografias do arquivo municipal de Lisboa: Das imagens documentais às narrativas visuais das antigas estradas de Lisboa. In Paula André (Ed.), *Laboratorio colaborativo: Dinâmicas urbanas, património, artes: X seminário de investigação, ensino e difusão* . (pp. 107-125). Évora: DINÂMIA'CET-Iscte.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

# Fotografias do *Arquivo Municipal de Lisboa*: das Imagens Documentais às Narrativas Visuais das Antigas Estradas de Lisboa

**Carla Duarte**

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

[carla.duarte21@gmail.com](mailto:carla.duarte21@gmail.com)

**Paula André**

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

**Resumo:** A fotografia documental permite a fixação de um determinado tempo e espaço, segundo o olhar do autor, fixando paisagens, comunidades e vivências, registando o palimpsesto (Corboz, 1983) existente, a identidade e a memória coletiva (Halbawachs, 1925) das comunidades que lhes estão associadas, revelando que as paisagens são história pública (Hayden, 1995), que estão em constante mutação e que a imagem pode guardar essas alterações (Sontag, 1973). É, igualmente, um documento de apoio para a construção de representações de paisagens caminhadas/*walkscapes* (Careri, 2013) e para criação de uma possível história do caminhar no espaço. Tendo como base o acervo do *Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico*, este ensaio apresenta a criação e montagem de 11 séries de fotografia documental que traçam a evolução urbana das antigas estradas de Lisboa, entre 1903 e 1970, associadas a um ano e autor específicos. A documentação das estradas permite a construção de um arquivo visual composto por uma imagem global e uniforme para todas, por um registo de momentos cronológicos e modos de fotografar idênticos e permite a criação de narrativas que contam as suas vivências, história, paisagem, modos de caminhar e de apropriação do espaço, à medida que os passos as atravessam e os fotógrafos as registam.

**Palavras-chave:** fotografia documental, estradas, séries fotográficas, memória, *walkscapes*

## Introdução

O presente ensaio enquadra-se na investigação para conclusão do doutoramento sob o título provisório “Caminhar na Cidade como Conhecimento, Apropriação e Produção de Espaço: As Antigas Estradas de Lisboa desde 1857”. A tese centra-se e revela a importância do caminhar enquanto agente potenciador de conhecimento, de apropriação e de criação de espaço urbano, partindo de uma revisão de conceitos associados ao caminhar e tendo como base a análise transversal de 9 casos de estudo - antigas estradas que ligavam o centro de Lisboa à sua periferia<sup>1</sup> -, a partir das quais se constituem 9 eixos de caminhada, definidos com base na sua geografia, cartografia histórica e arquitetura, cujas especificidades moldam a percepção do espaço e definem uma metodologia de análise e de intervenção, com o objetivo de priorizar o caminhar.

Nesse âmbito, este artigo explora os conceitos de paisagem urbana como espaço público, a partir dos estudos desenvolvidos por Dolores Hayden, e de memória coletiva do espaço urbano, segundo a definição de Maurice Halbwachs, e a sua importância enquanto variável para o seu conhecimento e apropriação, através da análise de fotografia documental que fixa o espaço, segundo um autor e num tempo específico. Pretende-se assim propor a criação/identificação de um conjunto de 11 séries de fotografia documental, por autor e por ano, para as antigas estradas de Lisboa, à semelhança das séries cartográficas que representam a cidade, num dado período temporal. Estas séries registam períodos específicos da história das estradas e servem de referência e de apoio para a compreensão e interpretação da sua evolução urbana, sendo um suporte para a construção de narrativas que permitam criar representações das suas paisagens caminhadas/*walkscapes*<sup>2</sup>. São documentos datados onde é visível o palimpsesto<sup>3</sup> que constitui estes eixos e contribuem para a criação de uma sensação de identidade e de memória coletiva<sup>4</sup>, das comunidades que os habitam, ao percorrê-los.

Tomando como exemplo as antigas estradas de Lisboa, e supondo que a maioria destas imagens foi produzida por fotógrafos que se deslocaram a pé, pretende-se, igualmente, salientar a importância deste tipo de documentação como base para a representação visual de uma possível história do caminhar urbano e para sublinhar que caminhar é uma forma de conhecimento e de apropriação de espaço.

Para esta análise foi utilizado: o espólio do *Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico* que apresenta uma coleção extensa e muito diversificada de temas, autores e períodos temporais, permitindo, assim, ter uma amostra fotográfica muito abrangente de Lisboa e, no caso concreto deste estudo, das suas antigas estradas; a própria cidade de Lisboa, enquanto lugar geográfico, arquitetónico, cultural, social e histórico.

---

<sup>1</sup> As estradas aqui em análise são: o Caminho de Valverde, a Estrada de Sacavém, a Estrada de Santos ou da Horta Navia, a Estrada da Porta do Ferro, a Estrada para Campo de Ourique, a Estrada das Picoas, o Caminho da Cotovia, a Estrada para as Janelas Verdes e a Estrada para Santa Apolónia.

<sup>2</sup> CARERI, Franscesco. **Walkscapes - O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo : Editora Gustavo Gili, 2013.

<sup>3</sup> CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. *Diogenes*. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

<sup>4</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

São aqui também exploradas as três apologias associadas à investigação, tal como referido por André Corboz<sup>5</sup>, já que a proposta de criação de séries de fotografia documental, surgiu, casualmente, no decorrer da investigação, ao serem analisadas as imagens.

### **Memória coletiva e a paisagem urbana como espaço público**

“Todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações”<sup>6</sup>

A memória é uma parte integrante da vida/vivências das cidades, estabelecendo uma ligação entre os espaços e os seus habitantes. Caminhar é uma forma de contactar com a memória coletiva das comunidades urbanas, tal como Halbwachs definiu, ao permitir aceder a um conjunto de experiências relativamente a um facto, ou uma história, ocorridos aí que são comuns a um grupo de indivíduos e geram uma sensação de pertença e de identidade partilhada.

“É em sociedade que os indivíduos normalmente adquirem as suas memórias. É também em sociedade que relembram, reconhecem e localizam as suas memórias”<sup>7</sup>

Essa partilha de factos, de situações e de vivências, torna a memória consistente, visível e real e está, normalmente, ligada a espaços físicos e sociais que são o palco de atuação dos membros do grupo que a partilham e o local onde a interação social acontece e as memórias são criadas e guardadas pela população envolvida. O espaço está sempre associado a um conjunto de situações e de intervenientes que ajudam a construir a sua memória: cada objeto, e a posição que ocupa no espaço, tem uma memória associada a eventos e a pessoas específicos que os utilizaram e experienciaram<sup>8</sup>. A memória coletiva depende, assim, do espaço físico, que é o local onde os acontecimentos sociais e históricos ocorrem e onde a presença da comunidade está visível e registada no palimpsesto<sup>9</sup> que se torna um documento físico das comunidades que o habitaram e habitam, das suas vivências e tradições e onde é possível aceder a um passado comum que conta a sua história.

Benjamin refere também, através do *flâneur*<sup>10</sup> que passeia pelas arcadas de Paris, como é possível contactar com este passado coletivo, à medida que se caminha. Aqui, não é apenas um suporte físico que se atravessa, é também o seu passado, que está aí registado, o seu presente e a perspetiva do seu futuro, é comunicar com a sua própria identidade, percebendo de onde se vem, qual é a sua história coletiva e o que é que distingue a sua comunidade das restantes, em termos culturais, históricos, urbanos, arquitetónicos, ao permitir aceder a uma sucessão de situações e de espaços que remetem para memórias comuns.

---

<sup>5</sup> CORBOZ, André – **Le Territoire comme Palimpsest et Autres Essais**. Paris: Les Éditions de L’Imprimeur, 2001.

<sup>6</sup> LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1989, pp. 12.

<sup>7</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992, pp. 38 (tradução das autoras).

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. Diogenes. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press, 1999.

Tal como as arcadas de Paris, também as antigas estradas de Lisboa, possuem uma memória coletiva<sup>11</sup> que aqui foi inscrita ao longo do tempo e que está visível à medida que nelas se caminha, considerando que são um palimpsesto<sup>12</sup> e lugares de armazenamento de memórias e de experiências<sup>13</sup>, um registo da sua evolução urbana e das histórias e vivências das comunidades que aqui viveram e vivem.

São, também, um exemplo concreto de paisagem urbana como história pública<sup>14</sup>, ou seja, um documento que está visível e disponível para todos. O conceito, estudado por Dolores Hayden, salienta a importância de preservação dos espaços urbanos, como forma de registo da história das comunidades e utiliza a noção de história pública: disciplina criada nos anos 70 por Robert Kelley para designar a utilização de métodos não académicos de comunicação da história. Esta disciplina é um processo democrático de acesso à história e baseia-se em três princípios: “a comunicação da história a audiências não académicas, a participação pública e a aplicação da metodologia histórica a situações do presente”<sup>15</sup>.

Caminhar ao longo destas estradas é, assim, atravessar uma parte da sua história, percorrer um percurso que conta a sua evolução e as vivências das suas comunidades, aceder a um museu livre e acessível a todos. É uma forma ativa de:

“Reclamar as paisagens culturais urbanas como história das pessoas”<sup>16</sup>

### **A fotografia documental como registo e base para a criação de representações de paisagem**

Uma imagem fotográfica documenta um momento preciso no espaço e no tempo, fixando-o no negativo da película (ou no pixel do ficheiro *raw*). Tal como as fotografias de um álbum de família, as imagens de um espaço fazem parte da sua identidade: são um arquivo de memória coletiva<sup>17</sup> e o registo das suas próprias histórias e evolução urbana, documentando, não só o espaço físico, mas também, as vivências e as comunidades que o foram ocupando e transformando, marcando épocas, salientando as paisagens ainda visíveis do palimpsesto<sup>18</sup> e as alterações urbanas que foram acontecendo desde então e que produziram os seus traçado e imagem atuais. São também um documento importante na construção da história urbana pública, fixando momentos precisos na vida dos espaços e das suas comunidades<sup>19</sup>.

Considerando o acervo aqui em análise – do *Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico* -, a grande maioria das imagens que o constituem foi produzida, por iniciativa própria ou por encomenda, por fotógrafos enquanto caminhavam, sendo, por esse motivo, registos

<sup>11</sup> ALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

<sup>12</sup> CORBOZ, André - *The Land as Palimpsest*. Diogenes. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

<sup>13</sup> BACHELARD, Gaston – **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>14</sup> HAYDEN, Dolores – **The Power of Place: Urban Landscapes as Public History**. Cambridge & London: The MIT Press, 1995.

<sup>15</sup> CAUVIN, Thomas - **A Ascensão da História Pública: Uma Perspetiva Internacional**. In: Revista Nupem. 2019, V. 11, Nº 23.

<sup>16</sup> HAYDEN, Dolores – **The Power of Place: Urban Landscapes as Public History**. Cambridge & London: The MIT Press, 1995, pp. 227 (tradução das autoras).

<sup>17</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

<sup>18</sup> CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. Diogenes. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

<sup>19</sup> Apud HAYDEN, Dolores – *The Power of Place: Urban Landscapes as Public History* segundo Paul Buhle.

caminhados no espaço e uma base para a construção de possíveis representações de como se tem andado a pé nas estradas ao longo do tempo e de que, ao fazê-lo, há um conhecimento que se adquire e uma apropriação que se faz<sup>20</sup> e que a imagem sugere. Atravessar um território a pé, estando em contacto com os espaços – físico, social, cultural - permite identificar e documentar o que os estímulos sensoriais do fotógrafo captaram<sup>21</sup> e que lhe pareceram dignos de registo: a paisagem, as situações, as pessoas com quem se cruzou, as vivências aí presentes, os cheiros e os sons que dirigiram o olhar para uma situação e que o fizeram ver, enquadrar, fotografar, fixar. Visualizar hoje estas imagens, é observar um registo com um tema e um enquadramento específicos, que o autor pretendeu eternizar, e que permite, a quem as vê, construir uma narrativa - a sua própria -, ao sinalizar os possíveis estímulos sensoriais que as provocaram, as sensações, os encontros fortuitos com o desconhecido (e com desconhecidos), o enquadramento histórico, os factos cuja importância fez disparar o obturador e registar o momento, guardá-lo para a eternidade, pensando que o mundo se transforma sucessivamente e que a imagem permite guardar essa mudança<sup>22</sup> e manter viva a identidade e a memória coletiva<sup>23</sup>.

Pensando nas estradas de Lisboa, e considerando o *flâneur* de Benjamin<sup>24</sup> caminhando nas arcadas de Paris, as imagens que o *Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico* guarda permitem integrar o espaço presente e o passado, o que não existe mais, registando a sua memória, lembrando, por um lado, uma vivência e uma paisagem que se perdeu, por outro, ajudando a identificar o que ainda se mantém e que se pode ver, sentir, vivenciar, à medida que é percorrido a pé. São imagens também elas produzidas por potenciais *flâneur*, fotógrafos que caminharam com as suas máquinas nestas estradas, fascinados por um espaço físico e social que lhes captou a atenção, ou para registar eventos e vivências sociais, no caso do trabalho produzido por fotojornalistas.



Fig. 1 - Largo de Santa Bárbara (Machado e Sousa, 1901-04-10, Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/001502)

<sup>20</sup> SONTAG, Susan – **Ensaios sobre Fotografia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2015.

<sup>21</sup> Pese embora os mesmos sejam maioritariamente visuais e percecionados com os olhos, os restantes são considerados na escolha do enquadramento a documentar.

<sup>22</sup> SONTAG, Susan – **Ensaios sobre Fotografia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2015.

<sup>23</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

<sup>24</sup> BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press, 1999.

Olhar para estas imagens é, assim, encontrar um campo de análise e de interpretação, construindo possíveis representações de tempos passados, é sentir que a memória espreita e aguça a curiosidade de quem as vê, trazendo ao espírito lembranças de espaços e de vivências antigos, ou ajudando a construí-los, criando uma memória coletiva<sup>25</sup> que ainda está registada em pequenos pormenores marcados no palimpsesto<sup>26</sup>, quando se atravessam as estradas. Essas representações permitem simular uma caminhada com o seu autor pelas estradas, nesse tempo e nesse contexto, interagindo com a população que aí está e que olha do passado, questionando o presente.



Fig. 2 - *Greve de varinas* (Joshua Benoliel, c. 1913, Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001797) [na Rua de São Paulo]

O acervo do *Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico* possui um espólio de 4585 imagens associadas às antigas estradas de Lisboa<sup>27</sup>, a primeira das quais datando de 1861, pertencendo a Carlos Severino de Avelar<sup>28</sup> e referente ao Caminho da Cotovia<sup>29</sup>, e as últimas (um pacote de 10), de 2 de março de 2022, da autoria de Luís Pavão e referentes ao Caminho de Valverde<sup>30</sup>. Estas imagens, não são exclusivamente das estradas, mas permitem identificá-las ao estarem, quer em primeiro plano, quer como figura de fundo (são imagens de largos, ruas, cruzamentos, vistas). A sua análise possibilitou, por um lado, detetar quais foram os fotógrafos que captaram estas estradas (e que perfazem um total de 91), por outro, construir um arquivo de memória coletiva<sup>31</sup> para estes eixos e criar possíveis representações da evolução das suas paisagens e de como se tem caminhado aqui ao longo do tempo.

<sup>25</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

<sup>26</sup> CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. *Diogenes*. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

<sup>27</sup> A pesquisa efetuada teve como base os topónimos atuais e os antigos e permitiu aceder a um conjunto de 4585 imagens. Podem existir outras, catalogadas com uma referência diferente, que não as associa à toponímia, e que, por esse motivo, podem ter escapado a este estudo. De qualquer forma, o total de amostragem utilizado, permite efetuar esta análise e chegar aos resultados pretendidos.

<sup>28</sup> Do pacote de imagens analisadas, apenas esta se refere a Carlos Severino de Avelar.

<sup>29</sup> Na Praça do Príncipe Real.

<sup>30</sup> Nas ruas das Portas de Santo Antão de Santa Marta.

<sup>31</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

O tipo de fotografia encontrado é bastante distinto e está relacionado com objetivos diversos, como é o caso das imagens de José Candido d'Assumpção e Souza e Arthur Júlio Machado<sup>32</sup>, que são exclusivamente arquitetónicas; ou do repórter fotográfico Joshua Benoliel<sup>33</sup>, que é composto por imagens avulsas das estradas, retratando acontecimentos – visitas de reis, procissões, manifestações – e o quotidiano diário da vida de Lisboa. Estas diferentes abordagens favorecem a construção de uma narrativa visual distinta e transversal para estes eixos, que abarca, desde imagens mais técnicas, que retratam a paisagem e registam o espaço urbano e arquitetónico, até registos de vivências urbanas. Olhar para estas imagens em conjunto, permite aceder a uma representação de uma possível memória coletiva<sup>34</sup> destes espaços, do que já não existe, do que se mantém e de que forma as estradas evoluíram desde meados do século XIX até à atualidade. Analisar estas imagens permite, também, analisar paisagens, comunidades, vivências e ambientes precisos para determinados períodos temporais, agrupando-as segundo época e fotógrafo e criando representações destes espaços e da forma como aqui se tem caminhado ao longo do tempo. Assim, é possível selecionar os autores que apresentam um maior número de registos para estas estradas e definir uma representação precisa e idêntica para todas, ou, pelo menos, para a grande maioria, para uma mesma época, comparando paisagens, comunidades, vivências e ambientes.

Esta catalogação permite, também, criar representações de uma memória do que seria caminhar aqui no período temporal a que se refere este estudo, ou seja, desde 1857 e até à atualidade. Olhar para estas imagens, referentes a um mesmo horizonte temporal e autor, por estrada, é olhar para o registo de um tipo de paisagem e de uma leitura específicas, tal como se pode olhar para uma série de cartografia histórica, e reconhecer a geografia que representa, para uma época específica. Há elementos-tipo que se repetem em todas - volumetrias, frentes de rua, tipologias, lojas -, tal como se podem analisar os elementos desenhados numa carta. Pode-se, assim, identificar uma coleção de séries fotográficas para as estradas, tendo em conta os seus fotografos e o seu período temporal. As Fig. 3, 4 e 5 permitem verificar a existência de uma uniformidade no registo das estradas, para um mesmo autor.



Fig. 3 – Montagem de C. Duarte de uma narrativa da Estrada para as Picoas, através de imagens de Machado e Sousa<sup>35</sup>

<sup>32</sup> José Candido d'Assumpção e Souza e Arthur Júlio Machado (que estão identificados no Arquivo como Machado e Sousa) foram uma equipa de desenhadores da Câmara Municipal de Lisboa que elaboraram um levantamento fotográfico exaustivo de fachadas e frentes de rua, entre 1898 e 1908. Segundo o *Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico*, em 20 de julho de 1898, os dois desenhadores entregaram um requerimento na Câmara Municipal de Lisboa, propondo o levantamento fotográfico dos edifícios do município.

<sup>33</sup> TAVARES, Emília [et al.] – **Joshua Benoliel 1873-1932 Repórter Fotográfico**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005.

<sup>34</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

<sup>35</sup> Fotografias de Machado e Sousa (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Calçada de Santana (1903-03-15, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000697), Calçada de Santana (1903-03-15, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000500), Calçada de Santana (1903-03-15, cota



Fig. 4 – Montagem de C. Duarte de uma narrativa da Estrada de Sacavém, através de imagens de Machado e Sousa<sup>36</sup>



Fig. 5 – Montagem de C. Duarte de uma narrativa da Estrada para as Janelas Verdes, através de imagens de Machado e Sousa<sup>37</sup>

Com exceção da Rua do Corpo Santo (na Estrada para as Janelas Verdes) que não apresenta qualquer documentação fotográfica, os restantes 102 arruamentos que constituem, atualmente, o conjunto das estradas, foi fotografado. Em alguns casos, de que são exemplo os levantamentos exaustivos de Machado e Sousa, a totalidade das ruas foi documentada, permitindo possuir uma imagem bastante precisa de como eram entre 1898 e 1908. Noutros, onde apenas houve a intenção de registar situações efémeras (eventos), ou edifícios concretos, essa perspetiva é mais parcelar. Pese embora esta situação se verifique ao longo de todas as estradas, consegue-se construir uma imagem e noção conjunta bastante precisa e um registo visual da sua evolução arquitetónica e urbana, da sua memória, das suas vivências, das suas comunidades.

### Metodologia

Para esta análise foram consideradas as imagens existentes no *Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico*<sup>38</sup> que correspondem às estradas aqui em estudo. Identificaram-se os

---

PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000501), Calçada de Santana (1903-03-15, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000554), Campo dos Mártires da Pátria e largo do Mítelo (1900-12-01 - 1907-07, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000565), Rua do Convento de Santana (1906-12, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/003562).

<sup>36</sup> Fotografias de Machado e Sousa (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Largo de Santa Bárbara (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/001500), Largo de Santa Bárbara (1901-04-07, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/001505), Rua da Mouraria (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/002495), Rua da Mouraria (1902-01-31, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/001789), Rua do Benfornoso (1899-08-23, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/002265), Rua do Benfornoso (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/002377), Rua do Benfornoso (1902-05, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/002422)

<sup>37</sup> Fotografias de Machado e Sousa (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Rua das Janelas Verdes (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000193), Rua das Janelas Verdes (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000222), Rua das Janelas Verdes (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000224), Rua das Janelas Verdes (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000277), Rua de São Paulo (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000518), Rua de São Paulo (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/002959), Rua de São Paulo (entre 1898 e 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/003850).

<sup>38</sup> Disponíveis no site do *Arquivo Municipal de Lisboa* em <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/>.

topónimos atuais correspondentes a cada uma, bem como alguns antigos que ainda têm imagens associadas e que estão referenciados na plataforma de dados abertos *Geodados*<sup>39</sup>, através de um conjunto de dados que identifica os arruamentos de Lisboa – “Cultura Toponímia” – e onde são indicadas, possíveis designações anteriores<sup>40</sup>.

A posterior análise e sistematização de imagens permitiu agrupá-las por autor e por ano, atribuir uma data a cada uma das séries fotográficas e ordená-las cronologicamente. Para identificar a época correspondente a cada uma, por autor, consideraram-se as seguintes regras:

- Sempre que possível, o ano foi atribuído através do cálculo da média entre a data da primeira e da última imagem referentes ao total das estradas;
- Nos casos em que não há indicação de data, optou-se por atribuir a que corresponde à idade média durante a qual os fotógrafos trabalharam (e que é indicada pelo *Arquivo Municipal - Fotográfico*);
- Quando as imagens apresentam um período temporal e não uma data específica, optou-se pela data média a que o mesmo corresponde, por exemplo, no caso de a data ser [1898-1908], atribui-se o ano de 1903;
- Quando apenas há uma indicação de ser posterior, ou anterior, a uma determinada data, por exemplo [post. 1867], optou-se por utilizar essa data como indicador, ou seja, atribui-se o valor de 1867;
- Quando a indicação é [190-], colocou-se a data média da década a que se refere, neste caso 1905.

Os conjuntos que correspondem a fotógrafos que também são colecionadores, como é o caso de Eduardo Portugal, ou do Estúdio Mário Novais, terão de ser analisadas em separado, para se identificar a sua produção pessoal, não sendo, por esse motivo, considerados nesta análise. O mesmo sucede com as imagens que não têm autor definido, por não serem representativas de um fotógrafo e, conseqüentemente, de uma forma de olhar e de documentar as estradas<sup>41</sup>.

No caso de arruamentos que são partilhados por mais do que uma estrada, como é o caso da Praça Luís de Camões e do Largo do Rato, e considerando que se trata de uma análise global do conjunto de estradas, foram apenas contabilizados uma vez.

Para a identificação das séries utilizou-se também um indicador qualitativo, que permite definir a percentagem de arruamentos que está coberta por imagens. Foi, por isso, criado pelas autoras o indicador *extensão total das vias que foram fotografadas*, para assim se poder ter uma ideia global da possível dimensão de área coberta por imagens, pese embora não se tenha feito uma identificação e georreferenciação de cada uma. Grande parte das imagens são perspectivas, que permitem que haja um alcance visual mais abrangente e possibilitam que uma grande extensão das estradas esteja registada e não apenas o objeto fotografado<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> Disponível em <https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/cultura-toponimia/explore>.

<sup>40</sup> Como é o caso da Rua de São José (no Caminho de Valverde), que foi denominada Rua Alves Correia entre 18/10/1913 e 28/05/1956.

<sup>41</sup> Há 106 imagens no Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico que não possuem autor atribuído.

<sup>42</sup> Esta análise poderá ser futuramente completada, com a georreferenciação da cobertura total a que cada uma das imagens corresponde, permitindo, assim, ter uma ideia precisa da extensão registada por imagens. Para os efeitos desta investigação, esse aprofundamento não é necessário.

## Séries de fotografia documental

Para a definição das séries fotográficas, foi considerado um universo de 4479 imagens que corresponde ao trabalho de 91 fotógrafos, que se distribuem da seguinte forma, por estrada:

	Caminho de Valverde	Estrada de Sacavém	Estrada de Santos ou de Horta Navia	Estrada da Porta do Ferro	Estrada para Campo de Ourique	Estrada para as Picoas	Caminho da Cotovia	Estrada para as Janelas Verdes	Estrada para Santa Apolónia
<b>Nº de Imagens</b>	320	737	435	673	126	460	957	417	354
<b>Extensão da estrada (metro)</b>	2519m	2354m	3405m	3036m	1941m	2744m	3185m	3371m	2593m
<b>Imagem mais antiga</b>	1898	1898	1880	1890	1902	1893	1861	1867	1888
<b>Imagem mais recente</b>	2022	1981	2015	1986	1979	2012	1987	2015	2022
<b>Ano médio de cobertura<sup>a43</sup></b>	1966	1933	1940	1941	1948	1937	1939	1942	1941
<b>Média de imagens por metro (imagem/metro)</b>	0,13	0,31	0,13	0,22	0,06	0,17	0,3	0,12	0,14

Tabela 1 – Imagens existentes por estrada

Analisando estes dados e o número de imagens por estrada, salienta-se que a maior cobertura fotográfica corresponde ao Caminho da Cotovia, à Estrada de Sacavém e à Estrada da Porta do Ferro, que apresentam totais de 957, 737, 673, respetivamente. No entanto, e tentando estabelecer uma média de imagem por metro, embora se destaquem os mesmos eixos, é a Estrada de Sacavém que prevalece com um valor médio de 0,31 imagens/metro. Esta é apenas uma métrica exemplificativa, já que a captura de imagem não é regular ao longo da estrada e, em muitos casos, não cobre a totalidade dos seus arruamentos. A estrada que apresenta, quer um menor número de imagens, quer uma menor cobertura fotográfica por metro, é a Estrada para Campo de Ourique, com valores de 126 e de 0,06 respetivamente.

Quanto ao campo correspondente à média de anos para essas imagens<sup>44</sup> (que permitem ter uma noção do período temporal em que há mais registos das estradas e das suas paisagens) - *Ano Médio de Cobertura* -, ela foi calculada tendo como base a seguinte métrica:

$$\text{Ano Médio de Cobertura} = \text{nº de imagens} \times \text{ano correspondente} / \text{total de imagens}$$

<sup>43</sup> Aqui, para o caso dos arruamentos que se repetem em mais do que uma estrada, como é o caso do Largo do Rato (Caminho da Cotovia e Estrada para Campo de Ourique) e da Praça Luís de Camões (Caminho da Cotovia e Estrada para Santos ou de Horta Navia), eles foram considerados no cálculo do ano médio de cobertura.

<sup>44</sup> Para este cálculo não foram consideradas as imagens que não têm uma indicação do ano ou do período temporal a que correspondem.

As médias estão, na sua maioria, situadas nas décadas de 30/40 do século XX, com exceção do Caminho de Valverde que se situa em 1966. A que possui uma média mais antiga é a Estrada de Sacavém, situada em 1933, devendo-se este valor ao levantamento de José Cândido de Assunção e Sousa e Artur Júlio Machado, efetuado entre 1898 e 1908 e a que correspondem 256 imagens (86 na Rua do Benfornoso e 77 na Rua dos Anjos). Para a do Caminho de Valverde, contribuem os trabalhos de Artur João Goulart, João Marques de Oliveira, Arnaldo Madureira Armando Maia Serôdio, efetuados na década de 60 e, mais recentemente (em 2000 e 2022), os de Luís Pavão.

Agrupando as imagens da totalidade do conjunto de estradas, por período temporal (todas as do século XIX e por década, para os séculos XX e princípio do XXI), registamos os seguintes valores:

Séc. XIX	1900 1909	1910 1919	1920 1929	1930 1939	1940 1949	1950 1959	1960 1969	1970 1979	1980 1989	1990 1999	2000 2009	2010 2019
53	811	1189	74	49	146	323	1507	206	18	7	5	36

Tabela 2 – Total de imagens para as estradas por período temporal

Verifica-se que há uma grande maioria de imagens para as décadas de 1910/1919 (a que se deve o trabalho de Machado & Sousa) e para a década de 1960/1969 (com destaque para os trabalhos individuais de Artur João Goulart, João Hermes Cordeiro Goulart, Augusto de Jesus Fernandes, Arnaldo Madureira e Armando Maia Serôdio), que permitem construir uma imagem muito clara das paisagens, vivências e ambiências urbanas para esses dois períodos temporais.

Agrupando por período temporal e por fotógrafo, tal como referido anteriormente, foi possível definir um conjunto de 11 séries de fotografia documental para as antigas estradas de Lisboa, tendo sido escolhidos os autores que apresentam um conjunto total de imagens igual ou superior a 100.

Foram, assim, identificadas as seguintes séries de fotografia documental:

- Machado e Sousa (1903)
- Joshua Benoliel (1913)
- Alberto Carlos Lima (1913)
- José Bárcia (1918)
- Judah Benoliel (1952)
- Armando Maia Serôdio (1960)
- Artur João Goulart (1963)
- Augusto de Jesus Fernandes (1965)
- Arnaldo Madureira (1965)
- João Hermes Cordeiro Goulart (1968)
- Vasco Gouveia de Figueiredo (1970)

Série de Fotografia Documental	% de Imagens	% Arruamentos Coberta	% de Extensão Coberta
<b>Machado e Sousa (1903)</b>	15,7%	46,7%	52,3%
<b>Joshua Benoliel (1913)</b>	7,3%	54,3%	55,5%
<b>Alberto Carlos Lima (1913)</b>	2,6%	27,2%	22,2%

<b>José Bárcia (1918)</b>	2,3%	42,7%	42,7%
<b>Judah Benoliel (1952)</b>	3,9%	38,8%	47%
<b>Armando Maia Serôdio (1960)</b>	10,1%	74,8%	83%
<b>Artur João Goulart (1963)</b>	4,60%	40,8%	60%
<b>Augusto de Jesus Fernandes (1965)</b>	4,1%	31%	46%
<b>Arnaldo Madureira (1965)</b>	7,7%	64%	75%
<b>João Hermes Cordeiro Goulart (1968)</b>	4,7%	44,7%	60%
<b>Vasco Gouveia de Figueiredo (1970)</b>	2,2%	24,2%	30,3%

Tabela 3 – Séries de fotografia documental por total de imagem, de arruamentos e de extensão abrangida

Os cálculos tiveram como base as seguintes variáveis:

- A percentagem de arruamentos cobertos pelo autor, face ao total;
- A percentagem de extensão, a dimensão total dos arruamentos fotografados.

A série que possui uma maior representação é a de Machado e Sousa (1903), correspondendo a 15,7% do total das imagens (um total de 702), pese embora apenas apresentem uma cobertura de 52,3% da extensão total das estradas. A maior extensão fotografada cabe a Armando Maia Serôdio (1960), com 83% da extensão das estradas documentada.

O trabalho de cada uma das séries apresenta características muito específicas, tendo em conta a época que documenta, os seus produtor e âmbito. Observando-as em pormenor, podem-se identificar algumas características que as definem e que permitem produzir possíveis narrativas que contem a história destas estradas:

- A série de **Machado e Sousa (1903)**, representa imagens do início do séc. XX, com frentes de rua e edifícios individuais, que se enquadram no âmbito do seu trabalho: o levantamento fotográfico do edificado. Este trabalho reflete uma abordagem muito clara e precisa, quase científica, que remete para trabalhos de levantamento arquitetónico e para uma abordagem sistemática e precisa, quase científica, passível de integrar as atuais bases de dados geográficas. A acompanhar estas frentes, as comunidades também estão representadas: crianças que brincam na rua e adultos que estão à porta dos estabelecimentos, ou de passagem e que olham para a lente com curiosidade (como é visível nas figuras 3, 4 e 5).
- **Joshua Benoliel (1913)**, repórter fotográfico ou, no dizer de Emília Tavares “rei dos fotógrafos e fotógrafos dos reis”<sup>45</sup>, ao trabalhar para vários periódicos, com destaque para a *Ilustração Portuguesa*, apresenta um conjunto de imagens do quotidiano - procissões, eventos, visitas reais -, sendo os locais documentados, por esse motivo, alguns dos espaços nobres da cidade onde esses eventos têm lugar. São, assim, imagens de vivências sociais e de comunidades urbanas, representando ambientes, mais do que o espaço urbano em si.

<sup>45</sup> TAVARES, Emília [et al.] – **Joshua Benoliel 1873-1932 Repórter Fotográfico**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005, pp. 20.



Fig. 6 – Exemplos de imagens de Joshua Benoliel para as estradas<sup>46</sup>

- Para o mesmo período de Joshua Benoliel, **Alberto Carlos Lima (1913)** representa imagens de espaços comerciais, edifícios novos e eventos da cidade. As representações arquitetónicas são imagens limpas, com foco no edifício. As imagens de eventos e de espaços comerciais, mostram uma vivência e um ambiente urbanos que permitem conhecer um pouco mais das comunidades que habitaram e transformaram estes espaços.



Fig. 7 – Exemplos de imagens de Alberto Carlos Lima para as estradas<sup>47</sup>

- A série de **José Bárcia (1918)** (olisipógrafo) é constituída por fotografia de arquitetura e por fotografia de rua, que retrata situações de quotidiano diário. Estas imagens permitem documentar vivências de rua e ambientes, bem como paisagem urbana, sendo demonstrativas da alteração do palimpsesto<sup>48</sup>, como é o caso da imagem abaixo à direita, com a vista do Miradouro de São Pedro de Alcântara a mostrar uma imagem de Lisboa (principalmente da colina do Castelo), muito diferente da atual.



Fig. 8 – Exemplos de imagens de José Bárcia para as estradas<sup>49</sup>

<sup>46</sup> Fotografias de Joshua Benoliel (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Festa da Padroeira do Reino - a Rainha Dona Amélia na Sé, cumprimentada por um oficial (1904-09, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/002661); Procissão de Nossa Senhora da Saúde (1907-04, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/000930); O culto da árvore, alunos das escolas plantam árvores no antigo largo do Matadouro (1910-02, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001427).

<sup>47</sup> Fotografias de Alberto Carlos Lima (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Calleya, estabelecimento de artigos militares e bonés (191-?), cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/001013); A Rainha Dona Amélia à chegada à Igreja de São Domingos (1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/000263); Senhoras à entrada da Sé de Lisboa (cerca de 1908, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/000245).

<sup>48</sup> CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. Diogenes. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

<sup>49</sup> Fotografias de José Bárcia (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Largo do Chafariz de Dentro (entre 1890 e 1945, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/BAR/000659); Chafariz do Rato (1907-03,

- **Judah Benoliel (1952)** retrata a cidade de meados do séc. XX, com imagens de quotidiano e algumas situações específicas, como é o caso das inundações na Rua de São Paulo (na imagem abaixo), apresentando também imagens de arquitetura e de espaços urbanos. Trata-se de um conjunto de registos de ambientes e de paisagens urbanas.



Fig. 9 – Exemplos de imagens de Judah Benoliel para as estradas<sup>50</sup>

- A série de **Armando Maia Serôdio (1960)** apresenta um conjunto de imagens de arquitetura e de espaço urbano que permitem observar a paisagem das estradas, à época. São imagens com enquadramentos pensados, estruturadas e com ausência de elementos que distraiam do foco central – o objeto urbano ou arquitetónico.



Fig. 10 – Exemplos de imagens de Armando Maia Serôdio para as estradas<sup>51</sup>

- **Artur João Goulart (1963)** apresenta um conjunto de fotografias de paisagem, de frente de rua, de construções novas e de demolições que, embora não seja o foco do seu enquadramento, permitem ver algumas vivências urbanas e contactar com a comunidade que habita estas estradas.



Fig. 11 – Exemplos de imagens de Artur João Goulart para as estradas<sup>52</sup>

cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/BAR/001226); panorâmica tirada do jardim de São Pedro de Alcântara (entre 1900 e 1945, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/BAR/001182).

<sup>50</sup> Fotografias de Judah Benoliel (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Largo do Conde Barão (195-, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/004800); Inundações (1945-11-18, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/003559); Rua de Santa Marta vendo-se à direita a rua do Conde de Redondo, palácio dos Condes de Redondo e à esquerda a rua da Sociedade Farmacêutica (195-, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/004872).

<sup>51</sup> Fotografias de Armando de Maia Serôdio (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Prémio Municipal de Arquitectura de 1949 (1949-, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/001996); Palácio Almada, fachada principal (1960 cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/013024); Matadouro Municipal de Lisboa, nas Picoas (1955-04-04, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/000811).

<sup>52</sup> Fotografias de Artur João Goulart (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Rua Augusto Rosa (1964-09, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/006162); Parte do terreno que dá para a rua

- A série de **Augusto de Jesus Fernandes (1965)** é muito idêntica à anterior, possuindo imagens de perspectivas, frentes de rua e edificado, ao mesmo tempo que mostra um pouco do que são os ambientes urbanos e quem são os habitantes destas estradas.

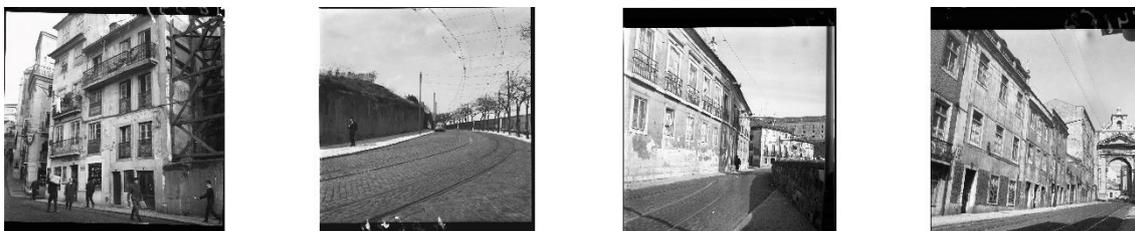


Fig. 12 – Exemplos de imagens de Augusto de Jesus Fernandes para as estradas<sup>53</sup>

- A série de **Arnaldo Madureira (1965)** é constituída por um conjunto de imagens de perspectivas, frentes de rua e edificado, com destaque para imagens que registam equipamentos e serviços do Estado, obras recentes, como é o caso do edifício da Polícia Judiciária (na Rua Gomes Freire), visível na figura abaixo. Para além destas imagens, mais técnicas, há algumas que registam momentos/situações de rua, vivências e ambiências dos espaços.



Fig. 13 – Exemplos de imagens de Arnaldo Madureira para as estradas<sup>54</sup>

- **João Hermes Cordeiro Goulart (1968)** apresenta uma coleção de imagens de rua, com frentes de edificado e perspectivas que permitem ter uma imagem da paisagem urbana das estradas e com alguns exemplares em que os ambientes e as vivências são muito presentes (como é o caso da segunda imagem a partir da esquerda, na figura abaixo).

---

Gomes Freire, contígua à escola de Medicina Veterinária (195-, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/000968); Largo das Portas do Sol (1961, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/S02187); Sentinas (1961, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/000879).

<sup>53</sup> Fotografias de Augusto de Jesus Fernandes (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Prédios para demolir (1965-12, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF/001822); Calçada da Cruz da Pedra (1964-03, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF/001391); Convento das Comendadeiras de Santos (1967-03, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF/002741); Arco das Amoreiras (1967-03, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJF/002738).

<sup>54</sup> Fotografias de Arnaldo Madureira (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Calçada de Santana vendo-se o beco de São Luís da Pena (1961, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/001208); Coreto da Praça José Fontana (1960, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/000790); Edifício da Polícia Judiciária (cerca de 1960, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/000626); Edifício da Junta de Freguesia do Socorro (1959, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/000224).



Fig. 14 – Exemplos de imagens de João Hermes Goulart para as estradas<sup>55</sup>

- A série de **Vasco Gouveia de Figueiredo (1970)** é constituída por um conjunto de imagens maioritariamente de paisagem urbana, com enquadramentos de frentes de rua e de edificado. Assemelham-se aos levantamentos arquitetónicos de Machado e Sousa, embora os seus enquadramentos sejam diferentes e muito diversificados, não apresentando a sua homogeneidade e linguagem visual.



Fig. 15 – Exemplos de imagens de Vasco Figueiredo para as estradas<sup>56</sup>

### Narrativas visuais das paisagens caminhadas - *Walkscapes*

Estas séries constituem um conjunto de documentos, que fixam troços das estradas numa data e com um enquadramento específicos e segundo o olhar de um autor que as olhou, sentiu e registou. São uma base para a construção de narrativas visuais, ao ajudarem a identificar visualmente estes percursos, criando possíveis imagens para as suas paisagens ao longo dos períodos representados, uma memória coletiva<sup>57</sup> de um espaço e a possibilidade de um entendimento de como seria caminhar aí, desde o início do século XX. Agrupá-las por décadas, facilita a construção de uma representação de paisagem caminhada – uma *walkscape*<sup>58</sup> visual – e de uma memória coletiva<sup>48</sup> das estradas. Apenas as décadas de 20, 30 e 40 do século XX não possuem uma representação com dimensão que permita definir as suas paisagens.

Podem-se, assim, identificar os seguintes períodos, e analisar as suas paisagens caminhadas/ *walkscape*<sup>31</sup>:

<sup>55</sup> Fotografias de João Hermes Cordeiro Goulart (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Rua Possidónio da Silva (1968-06, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JHG/001623); Chafariz de Dentro (1967-05, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JHG/000752); Rua das Amoreiras (1968-05, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JHG/001883); Rua de São Paulo (1966-10, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JHG/000398).

<sup>56</sup> Fotografias de Vasco Figueiredo (Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico): Palácio dos Condes de Tomar (1969, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VGF/001392); Quiosque do Jardim do Príncipe Real, nascente (1969, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VGF/001380); Vila Rosário (1967, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VGF/001130); Quiosque do Largo Trindade Coelho, sul (1969, cota PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VGF/001384).

<sup>57</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

<sup>58</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes - O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo : Editora Gustavo Gili, 2013

- Entre 1900/1909 a que corresponde apenas a série de Machado e Sousa (1903).
- Entre 1910/1919, correspondendo ao trabalho de 3 fotógrafos - Joshua Benoliel (1913), Alberto Carlos Lima (1913) e José Bárcia (1918).
- Entre 1950/1959, correspondendo apenas a um fotógrafo – Judah Benoliel (1952).
- Entre 1960/1969, correspondendo aos trabalhos de 5 fotógrafos: Armando Maia Serôdio, Artur João Goulart, Augusto de Jesus Fernandes, Arnaldo Madureira e João Hermes Cordeiro Goulart.
- Entre 1970/1979 a que correspondem apenas imagens de Vasco Gouveia de Figueiredo.

São registos que permitem construir estas *walkscapes*<sup>59</sup>, ou paisagens caminhadas, mostrando, não só a evolução do espaço físico, mas também a alteração nas vivências e na forma como se caminha nestas estradas e construir histórias paralelas do que mostram. Olhando para as primeiras imagens, de Machado e Sousa (1903), há uma presença constante de caminhantes que se espalham por todo o espaço e não apenas nos passeios laterais. Essa ocupação do espaço vai sendo alterada ao longo do século XX, com o surgimento, primeiro, de alguns veículos automóveis e depois, na década de 50, com a sua presença constante e a ausência de caminhantes no eixo da via, passando a ocupar uma área reservada - o passeio lateral.

### 3 Apologias da Investigação de André Corboz<sup>60</sup>

Este ensaio centrou-se num processo de recolha, sistematização, análise e interpretação de dados que propõe a criação de uma documentação para registo e apoio da história pública da paisagem urbana<sup>61</sup> das antigas estradas de Lisboa, na figura de séries de fotografia documental.

O processo começou por recolher, sistematizar e analisar as imagens documentais do *Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico*, como apoio na construção da evolução urbana das estradas. No entanto, à medida que foi avançando, ficou visível a existência de um conjunto de imagens de autores específicos, que possuíam um volume de trabalho muito abrangente e representativo destes espaços, num determinado período temporal, fazendo sentido agrupá-las por autor e por ano e propor a criação de séries de fotografia documental que registam tempos e formas de fotografar específicos, documentando estas estradas ao longo do tempo.

Tratou-se de um resultado que se foi construindo ao longo da investigação, conduzindo, não apenas ao resultado inicialmente esperado, mas a novas descobertas, que não eram espectáveis à partida. No fundo, e analisando o processo segundo as “3 apologias para a investigação” descritas por André Corboz no ensaio “La Recherche: Trois apologues”<sup>62</sup>: a investigação não se encerrou na metodologia inicial, foi um trabalho constante, de ligação entre o objeto de estudo e o investigador (a primeira apologia), abrindo espaço para que o processo em si originasse novos resultados, totalmente por acaso (a segunda apologia ou serendipidade).

---

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> CORBOZ, André – *Le Territoire comme Palimpsest et Autres Essais*. Paris: Les Éditions de L’Imprimeur, 2001.

<sup>61</sup> HAYDEN, Dolores – *The Power of Place: Urban Landscapes as Public History*. Cambridge & London: The MIT Press, 1995.

<sup>62</sup> Ver nota 5.

## Considerações Finais

Esta análise permitiu identificar um novo tipo de documento das antigas estradas de Lisboa, a par da representação geográfica das séries de cartografia histórica: as séries de fotografia documental. Enquanto as primeiras abrangem a identificação simbólica do sítio<sup>63</sup> da cidade, nos momentos a que corresponde o levantamento, as segundas fixam momentos precisos, congelados no espaço e no tempo e segundo um autor e são a base para a construção de narrativas destes espaços e do que era possível experienciar aqui – as paisagens físicas, mas também as humanas –, à medida que os mesmos eram percorridos a pé, tal como os fotógrafos que as eternizaram fizeram. São, assim, passíveis da criação de representações muito expressivas e pormenorizadas das estradas.

A análise permitiu identificar 11 séries fotográficas que correspondem a 11 autores e que abarcam o período entre 1903 e 1970. Estes registos fixam vivências, espaços e comunidades que, em parte, fazem parte do palimpsesto<sup>64</sup> das estradas e que contribuem para a construção de uma identidade e de uma memória coletiva<sup>65</sup>, parte da qual ainda é passível de visitar, ao caminhar nestes espaços.

Pese embora esta análise tenha como base 9 estradas, a metodologia utilizada poderá ser adotada para o resto da cidade de Lisboa, construindo-se, assim, uma documentação precisa, por autor e por ano, que possibilita a leitura da evolução urbana da cidade e da sua história, e o registo de comunidades que aqui viveram e das suas vivências, e o acesso a uma documentação representativa da memória coletiva dos habitantes de Lisboa.

As séries de fotografia documental são também um apoio para a história e evolução física das estradas e criar possíveis representações destas *walkscapes*<sup>66</sup> e das suas vivências, ao mesmo tempo que dão a indicação do que tem sido caminhar aqui, ao longo do tempo. O processo utilizado permitiu atingir resultados inesperados aquando do seu início, sendo exemplificativo do que André Corboz identifica nas suas três apologias para a investigação.

## Bibliografia

ALVARENGA, André – Lugar e Memória; Cenários. **GEOgraphia**. Niteroi. ISSN 15177793 (2017). 19:41 (2017) 97-109.

BACHELARD, Gaston – **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press, 1999.

CARERI, Francesco. **Walkscapes - O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo : Editora Gustavo Gili, 2013.

---

<sup>63</sup> RIBEIRO, Orlando - **Le site et la croissance de Lisbonne**. Bulletin de l'Association de géographes français, n.º 115, Juin-Octobre 1938, pp. 99-103.

<sup>64</sup> CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. Diogenes. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

<sup>65</sup> HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

<sup>66</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes - O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CAUVIN, Thomas - **A Ascensão da História Pública: Uma Perspetiva Internacional**. In: Revista Nupem. 2019, V. 11, N° 23.

CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. Diogenes. Vol. 31 (1983) pp. 12-34.

CORBOZ, André – **Le Territoire comme Palimpsest et Autres Essais**. Paris: Les Éditions de L’Imprimeur, 2001.

HALBWACHS, Maurice – **On Collective Memory**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992.

HAYDEN, Dolores – **The Power of Place: Urban Landscapes as Public History**. Cambridge & London: The MIT Press, 1995.

MONTANER, Josep Maria – **Renombrar la Arquitectura en su Evolución Técnica, Formal y Ética**. Barcelona: Editorial GG, 2023.

RIBEIRO, Orlando - **Le site et la croissance de Lisbonne**. Bulletin de l'Association de géographes français, n.º 115, Juin-Octobre 1938, pp. 99-103.

SONTAG, Susan – **Ensaio sobre Fotografia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2015.

SANTOS, Alípio Felipe Monteiro dos & FERREIRA, Evileno & CORRÊA, Gabriel Vidinha & SILVA, Otávio Oliveira & SILVA, Rosiane de Oliveira & AMARAL, Verissa Einstein Soares do - **Memória Coletiva e Espaço em Maurice Halbwachs: Uma Interdisciplinaridade com a Geografia Humanista Cultural** in Contribuciones a Las Ciencias Sociales. São José dos Pinhais, 2023, p. 9442-9458.

TAVARES, Emília [et al.] – **Joshua Benoliel 1873-1932 Repórter Fotográfico**. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 2005.

### **Conteúdos Online**

Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico - <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>.  
Plataforma de Dados Abertos *Geodados* da Câmara Municipal de Lisboa - <https://geodados.cm-lisboa.pt>.